

FREUD E O FEMININO COMO CONDIÇÃO DE AMBIVALÊNCIA

FREUD AND THE FEMALE AS A CONDITION OF AMBIVALENCE

Diego Luiz Warmling¹

Recebido: 02/2019

Aprovado: 10/2019

Resumo: De Freud, buscaremos o percurso que o fez conceber um “mais-além” das noções fálicas que serviram para compreender a sexualidade. Balizados pela proposta de uma sexualidade “mais-além”, circunscreveremos seu entendimento sobre a condição feminina. Entre a primeira e segunda tópica, destacaremos sua ampliação em relação ao entendimento da sexualidade e, por extensão, do feminino. Inicialmente, acentuaremos como, entre 1905 e 1914, Freud passa por alto o feminino quando unifica as pulsões sob a primazia de representantes fálicos, a saber: objetos ideativos ou ego. Disto, veremos como ele amplia a noção de *Anlehnung* ao ponto de, a partir dos problemas suscitados entre 1920 e 1933, enxergar no feminino um horizonte que, tácito ao investimentos fálicos, presentifica o enigma psicanalítico e indica um “mais-além” de gozo que, de uma libido normativamente ativa, não se deixa apreender por cristalizações do saber. Veremos como o feminino faz falar de uma verdade que, não-toda, conduz à *repetição*, à *morte*; à sexualidade não-fálica. Esta análise reconhecerá e contrastará tais formulações no intuito de nuançar o aspecto emancipador deste horizonte de perplexidade que, feminino, nos põe em contato com o vazio; com a indeterminabilidade passiva de nossos atos.

Palavras-chave: Freud. Diferença Sexual. Ambiguidade Pulsional. Sexualidade Não-Fálica. Feminino.

Abstract: From Freud, we will look for the path that made him conceive a "more-beyond" of the phallic notions that served to understand sexuality. Guided by the proposition of a "more-beyond" sexuality, we will circumscribe their understanding about the female condition. Between the first and second topical, we will highlight its magnification in relation to the understanding of sexuality and, by extension, the feminine. In a first moment, we shall see how, between 1905 and 1914, Freud overlook the feminine when he unified the drives under the primacy of phallic representatives: phallic-ideational objects or ego. From this we will see how Freud expands the notion of *Anlehnung* to the point that, from the problems listed between 1920 and 1933, he sees in the feminine a horizon which, tacitly under phallic inversions, personifies the psychoanalytic enigma and indicates a "more-beyond" of enjoyment that, from an essentially active libido, is not limited by crystallization of knowledge. We will see how the feminine makes speak of a truth that, not all, leads to repetition, to death; to non-phallic sexuality. This analysis will recognize and contrast these formulations with the aim of nuancing the emancipatory aspect of this horizon of perplexity that, feminine, puts us in contact with emptiness; with the passive indeterminability of our acts.

Keywords: Freud. Sexual Difference. Pulsional Ambiguity. Non-phallic Sexuality. Feminine.

¹ Formado em Filosofia. Mestre em Ontologia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGFil UFSC). E-mail: diegowarmling@hotmail.com

Falo, Narcisismo e Sexualidade Anaclítica: A Primeira Tópica

Pulsão, Infância e Libido: A Primazia Fálica da Diferença Sexual

Quando desejamos traçar o percurso freudiano até a concepção do “mais-além” como expressão da condição feminina e, para isto, iniciamos esta análise tratando dos empreendimentos entorno dos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), logo notamos que o estudo das perversões aí contido não só possibilita questionar os saberes outrora instituídos sobre a sexualidade, mas nos dispõem diante da nossa pré-história libidinal – perante uma força, que, aquém da *Scientia sexualis*, vislumbra modos não-biológicos de satisfação. Situados, neste momento, no escopo da primeira tópica, se isto nos faz destacar uma concepção universalista que encontra na condição feminina um domínio capaz de amparar uma libido indiferenciada apta a tornar as pulsões comuns aos dois sexos, é sondando a sexualidade com os meios da pesquisa psicológica que a obra de 1905 surge para tratar de um conceito vital para a psicanálise: a pulsão – uma força que, orientada à vida, a autoconservação ou mesmo a morte, dirige-se constantemente à sexualidade humana.

Com efeito, se até então as distintas teorias amparavam a compreensão do erotismo humano na noção de *instinto* (*instinkt*), o diferencial de 1905 é ter substituído *instinkt* por *Trieb* (*pulsão*) – um conceito que, na contramão de implicações hereditárias bem definidas, traduz o dinamismo de pressões e descargas energéticas voltadas para fins inespecíficos e não naturais. A relação entre estes dois termos, veremos, é amparada pela noção de *Anlehnung* (*apoio*), que, ao fim da primeira tópica, vem desnaturalizar *instinkt* na medida em que *Trieb* apresenta-se desviante à conservação da vida.

Sendo a parte mais significativa e inconclusa da doutrina psicanalítica, quando falamos das pulsões, é da submissão do corpo ao simbólico e não do corpo ao biológico que nos referimos. Nestes termos, as pulsões são desvios do instinto! Elas estabelecem uma distinção não-biológica da sexualidade humana, que, amparada pelos desvios concernentes ao *objeto*² e ao *objetivo/alvo sexuais*³, amplia o leque dos comportamentos aberrantes.

No que tange os desvios do *objeto sexual*, constatamos, em qualquer sujeito, a viabilidade da disposição homoafetiva. Se questionamos a natureza deste fenômeno, devemos não só indagar suas influências inatas e adquiridas, mas vislumbrar, em cada qual, certa

² Pessoa da qual provem a atração sexual.

³ Ação para onde a pulsão impele.

predisposição à bissexualidade. Na psicanálise freudiana, todo ser humano é constituído por disposições masculinas e femininas que, correlatas, “se encontram nos conflitos que o indivíduo conhece para assumir o seu próprio sexo” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 88). Assim, apontando para a necessidade de afrouxarmos os laços entre pulsão e *objeto*, os comportamentos só serão aberrantes quando, intensificadas, as fixações são “postas no lugar da satisfação sexual normal” (FREUD, 2016, p. 39). Graças a novidade destas ideias, foi possível retirar a homossexualidade do campo patológico.

Conectadas com as pulsões em âmbitos como pressão, fonte, alvo e objeto, no que tange as perversões do *objetivo/alvo sexual*, rastreamos ou transgressões anatômicas que fixam a conduta em regiões periféricas ou demoras excessivas nas carícias prévias. Estas superavaliações tanto desconstroem a estreiteza da relação entre *alvo* e coito, como contribuem para a sexualização de outras partes do corpo. Seja pelo fetiche⁴ ou por demoras que dificultam/adiam a consecução do alvo sexual, os diferentes caminhos da libido no corpo se relacionam como vasos comunicantes, sendo necessário considerar seu fluxo colateral. Assim, é aceitando que o indivíduo é, ativa ou passivamente, capaz de formar alvos aptos a assumir a conduta normal que enunciemos as inclinações voyeuristas e exibicionistas.

Seguindo os “*Três Ensaios...*”, notamos que estas demoras se relacionam com as perversões cardeais: ao sadismo (inclinação ativa de subjugar ou infligir dor ao objeto sexual) e ao masoquismo, que, sendo o oposto complementar do sadismo, indica a passividade não-fálica de nossos atos. De fato, se nossa vida sexual apresenta um componente sádico, ativo e hostil capaz subjugar o outro e encontrar satisfação em atitudes agressivas infligidas ao objeto sexual, também é certo, na contraparte, que devemos aceitar a existência de tendências masoquistas e regressivas voltadas à própria pessoa e que, ligadas com as satisfações causadas pela auto-humilhação, designam atitudes passivas diante do outro. Do contraste entre estes pares antitéticos, é possível definir não só as características sexuais de cada qual, mas o sadomasoquismo, que, bissexual, inter-relaciona tais polarizações, tornando-as duas facetas de uma só perversão, cujas formas ativa e passiva se doam em proporções variáveis.

Diante disto, talvez não possamos mais deixar de acrescentar em nossa conduta um aberrante quinhão de perversidade. Isto quer dizer: se as transgressões figuram até mesmo entre os sádicos, são as pulsões que – por exclusivismos, predominâncias ou parcialidades – circunscrevem as patologias. Para Freud, entre a irresistibilidade pulsional e a renúncia sexual,

⁴ Fixação que toma o lugar do alvo sexual.

imperava a saída pela doença, cujo efeito é transformar a força da libido em sintoma. Desta feita, é plausível decompor as pulsões sexuais em instâncias parciais que, ativa (sádica) e passivamente (masoquista), variam de acordo com a intensidade da perversão. Limítrofes (situadas entre o psíquico e o somático) e não qualificáveis, as fontes donde advém estas pulsões não raro assumem funções substitutivas e atuam como “zonas erógenas” secundárias. Sendo assim, a disposição à perversão é parte de nosso cotidiano e, desde a infância, evidencia os aspectos constitutivos do nosso comportamento. Isto posto, regressamos ao gérmen da sexualidade: a infância, que, no contexto da primeira tópica, vem circunscrever a sexualidade como uma resposta fálica à castração.

Com efeito, atentando ao fato de que, em função da amnésia dos primeiros anos, poucos autores reconheceram a regularidade da vida pulsional infantil, Freud põe em cheque a opinião popular quando rastreia, na infância, traços basilares da sexualidade. O austríaco mostra-nos como subjaz, nestes anos incipientes, um pré-reconhecimento de nossa vida mundana. Na infância, são formados os poderes psíquicos condicionantes que influenciarão nossas realizações individuais, coletivas e culturais.

Lendo “*Três Ensaio...*”, vemos, então, que o modelo mais arcaico da sexualidade surge durante a amamentação, quando, apoiado em funções vitais, o deleite da sucção rítmica exclui propósitos nutritivos. Associados com as necessidades alimentares, salta aos olhos como, ao tocar o seio materno, os lábios adquirem tamanha volúpia que, sedentos por satisfação, encontram no leite a origem da sensação prazerosa e, do contato com a mama, a fonte sexual desviante ao instinto. Se o leite satisfaz as necessidades orgânicas, ocorre, paralelamente, um processo sexual que, com o tempo, irá adquirir independência e dissociar a repetição da satisfação das necessidades nutritivas.

Disto, eis enfim o auto-erotismo, cuja função, ao menos em “*Três Ensaio...*”, é expressar a maneira como, ligada à excitação de uma zona erógena, a pulsão infantil se satisfaz sem recorrer a objetos externos ou imagens egóicas do corpo. No que tange a sexualidade infantil, notamos, então, que ela suscita uma satisfação factível a fim de que transpareça uma necessidade de repetição evidenciada tanto por uma tensão, quanto por uma sensação de prurido voltada para as zonas erógenas periféricas: o anus, o pênis e a vagina, que, diante da erotização das funções vitais, ora conduzem à masturbação, ora compõem o aparelho reprodutor. Sendo assim, anaclítica ou auto-eroticamente, possuímos, desde cedo, uma disposição “perverso-polimorfa” destituída de imperatividade e que não poupa os *objetos* e *alvos sexuais* para se satisfazer.

Indagando os fatores internos e externos do desenvolvimento sexual, o polimorfismo infantil não pode, todavia, confundir-se com a sexualidade adulta. Para além da sedução passiva, a criança carrega consigo uma gama de volições bastante ativas. Sua eroticidade envolve, logo cedo, o outro como objeto de satisfação, sendo, assim, repleta de moções transgressoras à atividade genital. E se, disto, elegemos a disposição “perverso-polimorfa” como expressão de uma organização sexual *pré-genital*, é descrevendo o modo como a libido se organiza no corpo de acordo com a predominância da relação objetal, sob o primado de uma zona erógena e conforme as etapas da vida que conseguimos sistematizar esta sexualidade quase anárquica.

Balizados por esta concepção da sexualidade infantil, é possível sistematizar, temporal e conceitualmente, as “fases da libido”: entre 1905 e 1915, as fases *oral-canibalesca* e *anal-sádica*, e, a partir de 1923, a inclusão da disposição *genital-fálica*. Com base nesta divisão, torna-se imperativo analisar cada uma destas fases, salientando: 1) o complexo de castração masculino e a *inveja do pênis* feminina demarcam, via Édipo, a divisão entre infância e vida adulta; 2) a sexualidade é uma resposta à castração; 3) no escopo da primeira tópica, Freud ratifica a primazia fálica da sexualidade.

De fato, por mais que não expressem a totalidade da evolução libidinal, estas fases circunscrevem as etapas do desenvolvimento infantil, ora orientado por uma disposição fixa, ora pela preponderância de uma zona erógena, ora por uma associação objetal. Se *pré-genitais* são as disposições em que a genitália ainda não impôs sua primazia, fazendo-se corresponder pelas fases *oral-canibalesca* e *anal-sádica*, então *genital-fálica* será a fase marcada pelas perturbações da castração, da derrocada do Édipo e pela unilateralidade da genitália masculina.

Sobre a primeira fase, se em “*Três Ensaios...*” a oralidade demarca o quanto, *apoiada* em funções vitais, a pulsão se autonomiza ao ponto de agir autoeroticamente, é em 1915 que Freud anuncia a fase *oral* como o primeiro estágio do desenvolvimento libidinal. Prototípica e anobjetal, a atividade volitiva desta fase ainda não se desvinculou dos prazeres da zona labial e bucal. No que tange a segunda fase, o erotismo *anal* é não só pautado pela defecação e pela equivalência simbólica entre fezes, prenda/dom e dinheiro, mas surge como constituinte da polarização entre “atividade = sadismo” e “passividade = erotismo anal”. Ainda sobre esta fase, destacamos que, com as remodelações de 1915 e 1924, Freud a circunscreve como a primeira instância da organização *pré-genital*. Neste contexto, a *fase anal* jamais se confunde com subsequente estabelecimento de um primado subalterno à função reprodutora. Eis último estágio organização infantil.

De fato, o estabelecimento deste último estágio da sexualidade infantil circunscreve o início da fase *genital-fálica*. Para esta análise, isto revela duas nuances interpretativas sobre a primeira tópica: 1) que homens e mulheres estão em busca de um representante fálico-ideativo de poder, capaz de substituir a angústia da castração; 2) que Freud passou por alto a descrição do feminino quando, para além das diferenças sexuais, demarcou a unificação das pulsões sob a primazia do falo masculino.

Incorporada em 1923, a fase *fálica* personifica a primeira união das pulsões sob o primado genital. Situada entre as fases *pré-genitais* e a organização libidinal definitiva, o que a define como infantil é o fato de, nela, a criança só reconhecer a genitália masculina. Ela representa o protótipo da oposição fálico-castrado; uma “indiferenciada constituição genital [...], igual em ambos os sexos” (FREUD, 2016, p. 110). Todavia, apesar de ter sido transposta ao contexto tardio de “*Três Ensaios...*”, suas bases estão fundamentadas em duas teses ainda incipientes desta obra: 1) enquanto princípio universal, a libido é de natureza masculina, figure no homem ou na mulher; 2) nas meninas, o clitóris é a zona erógena diretriz homóloga da glândula masculina. Por conseguinte, ainda que a compreensão da sexualidade esteja balizada por princípios fálicos, não há como dizer que Freud tenha deixado de sublinhar o interesse da menina pelo falo, sua “inveja” e seu sentimento de “inferioridade” em relação ao rapaz.

Isto posto, se é verdade que a complementaridade “atividade-passividade” transfigura-se na oposição “fálico-castrado”, então a *fase fálica* assinala, diante da castração, o declínio do Édipo. Encontrável em ambos os sexos, o pênis (correlato desta fase) é visto sob seu valor simbólico; e a castração redundava em atribuir uma função prevalecte ao órgão masculino. Fálico (menino) ou não (menina), o “pênis” “não é redutível a um dado puro e simples, antes é o resultado problemático de um processo intra e inter-subjetivo” (LAPLANCHE&PONTALIS, 1986, p. 226).

No que diz respeito ao caminho até a concepção da condição feminina, isto significa não só que – a partir da infância e da castração – a angústia decorrente das diferenças sexuais suscita, na menina, a *inveja do pênis*, mas que, despreocupado em assinalar as especificidades da vida pulsional feminina, Freud ratifica a predominância de uma organização eminentemente fálica para tratar da sexualidade. Se o desenvolvimento dos sexos não é igual, ambos são, ao menos na primeira tópica, centrados entorno do falo; do representante ideativo da virilidade. E será com as transformações da puberdade que, subordinando a infância à uma libido universal, as predileções assumirão sua conduta definitiva.

Isto posto, tem início a puberdade – uma configuração pautada pelo primado da zona

genital e pela diferenciação sexual. Nesta fase da vida, a pulsão torna-se altruísta. Em favor da manutenção da espécie, ela põe-se “a serviço da função reprodutiva” (FREUD, 2016, p. 122). Introduzindo a excitação sexual, o erotismo torna-se, enfim, meio para a produção e obtenção de prazeres mais intensos. Com base nestas coordenadas, faz-se possível demonstrar que, aquém de orientações específicas, a libido é universal e neutra sem, contudo, deixar de ser essencialmente sexual e ativa.

Derivada do latim, a *libido* expressa noções como vontade e desejo. Criada para designar o substrato das transformações pulsionais, é uma força apta a mensurar as transformações qualitativas e quantitativas das excitações sexuais. De um ponto de vista qualitativo, por mais que seja dessexualizada, jamais poder ser equacionada como uma energia inespecífica. Tácita aos processos anímicos, é de natureza estritamente sexual e ativa. Desta forma, quantitativamente falando, também possibilita-nos mensurar os processos sexuais, pois remete-nos ao dinamismo da vida pulsional. Enquanto a pulsão situa-se entre o psíquico e o somático, a libido é a energia da pulsão. Por conseguinte, chegamos num *quantum de libido* integralizante dos investimentos psicosexuais, e cujo substituto qualitativo recebe, em 1914, o nome de *libido do ego* ou *libido narcísica*.

De fato, esta distinção é tratada nos estudos sobre o *narcisismo*, mas é através dela que, em “*Três Ensaios...*”, Freud introduz a primeira dissonância ao seu falicismo. Estamos falando de algo que, visando servir o Eu, passa pelo cunho da autoconservação. Neste escopo, a libido origina-se nas diversas zonas do corpo, mas como é o ego que irá retê-la, é ele a fonte de todos os investimentos. Buscando algo além de um referencial estritamente fálico/masculino, Freud firma, a partir da puberdade, o primado da zona genital, voltado não só ao novo alvo sexual, mas à consumação do reencontro, em outrem, com *narcisismo*. Sendo assim, se é na esfera da representação onde são consumadas a maioria das escolhas da puberdade, é com seu avanço que predomina a subordinação das fontes aos processos de encontro com o objeto. Com base nisto, pudemos inferir as diferenças sexuais.

Ora, no que tange as diferenças sexuais, vemos então que sua elucidação decorre de um universalismo libidinal! Ao recorte desta análise, isto é suficiente para salientarmos que, no âmbito de “*Três Ensaios...*”, Freud descreve o feminino através de uma libido que, aquém de orientações específicas, não carrega nem a marca da masculinidade, nem a da feminilidade, e tampouco porta qualquer indicação sobre a natureza do objeto que irá investir-se. Todavia, não podemos esquecer que a libido é, regular e normativamente, masculina (ativa). Neste sentido, se as diferenças sexuais indicam organizações psíquicas distintas, elas devem ser pensadas a

partir de um princípio universal que ampare e possibilite definir a sexualidade como um todo. Com isto, queremos dizer: para Freud, as diferenças sexuais decorrem de um monismo libidinal essencialmente fálico, mas no que tange o âmbito feminino, é permitido demarcar uma condição que, aquém do Édipo, prioriza o exercício pulsional.

Balizados por este universalismo, vemos que a menina desconhece sua vagina e toma o clitóris como como homólogo daquilo que inveja: o pênis, o falo, a imagem do poder. Se Freud articulou a diferença sexual a partir de um polo igualitário, é fato que apregouou uma indiferenciação inconsciente balizada por um princípio masculino e por um Édipo dissimétrico. O horizonte feminino deve, portanto, ser compreendido a partir de uma libido essencialmente ativa! Entretanto, se também é verdade que, em vista destas regularidades, a mulher é impelida a “se afiliar às regras masculinas” (ASSOUN, 1993, p. 98), não devemos confundir tal universalismo como um sintoma machista de Freud! Este seu monismo libidinal é, na realidade, a confissão da dificuldade em definir a condição feminina. Desta forma, ainda que secundária aos referenciais masculinos, se queremos elucidá-la (a condição feminina), devemos considerar ao menos três sentidos da diferenciação sexual: o biológico, o sociológico e o psicosssexual.

Tendo em vista o recorte desta leitura, o sentido que nos interessa é o psicosssexual! De fato, considerando os fatores psíquicos da sexualidade humana, Freud diz que as disposições *ativas e passivas* nos mostram como masculinidade e feminilidade se constituem por uma mescla destes componentes. Com a puberdade, “masculino” e “feminino” são utilizados no sentido de *atividade e passividade*. Neste contexto, a libido é masculina, pois “o instinto é sempre ativo, mesmo quando coloca para si uma meta passiva” (FREUD, 2016, p. 139). Não obstante, é fato que Freud jamais deixa de falar da bissexualidade humana; ela é o fator sem o qual não chegaríamos “à compreensão das manifestações sexuais que realmente se observam no homem e na mulher” (FREUD, 2016, p. 140). Desta feita, se homens e mulheres dispõem de funções ativas e passivas, então o horizonte feminino vem dar voz a uma disposição passiva e, quiçá, secundária.

Ora, se a libido é ativa, a satisfação pulsional só pode ser ativa! Ao interim da primeira tópica, esta asserção independe das diferenças sexuais, pois designa um princípio dado no inconsciente: a libido. E é com base nestes preceitos que, enfim, podemos compreender que o feminino resulta “da flexibilidade no percurso pulsional” (POLI, 2007, p. 32). Isto torna claro como, sem definir a sexualidade feminina, “*Três Ensaio...*” encontra na escuta às mulheres a sexualidade que elas buscam: a masculina, que só vai historicizar-se a partir do primado fálico.

Narcisismo e Anáclise: O Rudimento do Feminino

Se até aqui o autoerotismo orientou uma distinção não-biológica capaz de personificar as formações egóicas, é pelo fato da satisfação dirigir-se ao próprio corpo (imagem de si) que devemos relacioná-la com um investimento da libido no Eu. Partindo dos “*Três Ensaios...*” de 1905, mostramos como o falo é substituinte da pulsão perdida; agora trata-se de elucidar como, via narcisismo, foi estruturado o primeiro deslocamento na concepção fálica da sexualidade. Assim, destacaremos, nesta segunda parte, não só uma forma narcísica de dispêndio, mas reavivaremos o que até então fora esmaecido pela psicanálise: a escolha *anaclítica*, que, fornecendo uma ilustração arquetípica da condição feminina, servirá para repensar o narcisismo.

De fato, o termo *narcisismo* surge em 1910 quando, em nota de “*Três Ensaios...*”, Freud atenta à homossexualidade para evidenciar o quanto o indivíduo pode tomar a si como objeto de desejo e, disto, demarcar uma unificação das pulsões. Mas é somente na *Introdução ao Narcisismo (1914)* que tal noção passa a fazer parte dos investimentos libidinais! Alertando-nos ao fato de que a formação narcísica ocupa uma parcela considerável de nossas condutas, Freud diz, em 1914, que ela é necessária para a vida subjetiva. É condição de formação do Eu, não raro confundível com o próprio Eu.

Não sendo, portanto, uma formação anômala, um dos motivos para a considerarmos na constituição humana pode ter surgido, diz Freud, quando buscou-se compreender os casos de esquizofrenia (*dementia praecox*). Seja pela fantasia da neurose, seja pela recusa da psicose, ao retirar-se do mundo, a libido dirige-se ao eu. Diante disto, nos é permitido conceber a diferença entre uma *libido do Eu* de uma *libido do Objeto* – distinção esta não passa pela origem da pulsão, nem pela separação entre sexual e não-sexual, mas pela libido, que dirige-se ou ao Eu ou ao mundo.

Diante disto, poderíamos sustentar que o autoerotismo é primordial ao Eu. Não obstante, se admitimos ao Eu um investimento pulsional independente de empenhos objetivos, precisamos distinguir a pulsão sexualizada de um investimento vital, não-sexual, de *apoio* – *anaclítico*. Trataremos disto mais adiante, mas vale ressaltar agora que, sendo o sujeito um “fim em si mesmo” e o “elo de uma corrente”, talvez a libido não seja mais do que o produto de uma diferenciação normal da psique. Sem abdicar de sua natureza sexual, devemos, então, questionar: se o Eu é investido libidinalmente, como diferenciar a pulsão sexual da não-sexual sem cair numa teoria indiferenciada? É, com efeito, aqui onde Freud reitera o postulado de uma

libido estritamente sexual e declara, acerca da esquizofrenia, ser necessário separar a retração da libido em direção ao ego (narcisismo) da retração da libido aos objetos fantásticos (introversão). E se, disto, notamos que tal distinção constitui a primeira formulação que extinguiria a separação entre pulsões do Eu e sexuais, não devemos esquecer que Freud jamais deixa de indagar aquilo que, em sua primordialidade, só faz sentido secundariamente: o *apoio* não-sexual da pulsão; a escolha *anaclítica* – o rudimento da sexualidade feminina.

Ora, mesmo em 1914, a interpretação das doenças orgânicas, da hipocondria e da vida amorosa continuam abertas. Nos primeiros casos, o doente, em favor da autoconservação, distende seus laços, dirigindo-os ao Eu. Todavia, diz Freud, é preciso amar! E é quando a libido investe-se no mundo e nos outros que entendemos o quanto a vida amorosa apoia-se no Eu para, só assim, tornar-se independente dele. Sendo assim, para que a busca de 1914 fizesse sentido, Freud não só negou qualquer egoidade entorno do autoerotismo, como assinalou um *narcisismo* intermediário entre o autoerotismo e o *narcisismo secundário*. Salta aos olhos, aliás, como fomenta uma separação entre as predileções narcísicas – que tomam a si como objeto de desejo – e *anaclíticas*, que, por *apoio*, tomam as pessoas próximas como objeto de desejo. Retenhamos, por hora, nas predileções narcísicas!

Em vista disto, fica clara, num primeiro momento, a necessidade de vislumbrarmos uma disposição *narcísica primário*, pressuposta desde a infância e, portanto, constituinte da sexualidade. Com efeito, se o *narcisismo primário* designa um estado em que a criança orienta a libido para si, não há, em contrapartida, como dizer que o Eu sempre existiu – “o Eu tem que ser desenvolvido” (FREUD, 2010a, pp. 18-19). Neste caso, o que falta ao autoerotismo é uma representação egóica do corpo. Destarte, nada parece contradizer-nos quando defendemos que *narcisismo primário* é contemporâneo à primeira unificação egóica, sendo, inclusive, um investimento libidinal retrospectivo. O que daqui emerge é o *eu ideal*, seu correlato.

Quanto ao *narcisismo secundário*, este representa o reinvestimento da libido no Eu após dirigir-se ao mundo. Se inicialmente a libido esteve orientada ao eu, num segundo momento, volta-se para a alteridade e, por fim, é reconduzida ao Eu; eis a regularidade do indivíduo. Assim, sob a primazia fálica da primeira tópica, talvez o encadeamento mais lógico da sexualidade seja: autoerotismo → narcisismo → escolha objetal. Se isto é verdade, então: enquanto as formações narcísicas estão pautadas por uma unificação egóica, o autoerotismo expressa uma modalidade de empenho objetal destituída de ego, e que só adquire autonomia após abandonar seu *apoio* vital.

Ainda no contexto da “*Introdução...*” de 1914, notamos que, dentre as esfinges do

narcisismo infantil, está a angustia das diferenças sexuais. Com isto, a psicanálise deu ampla importância ao complexo de castração, cuja traduzia os efeitos das interdições normativas e fantasiosas, mas não explicava, por exemplo, a patogenia da neurose. Tendo em vista esta constatação, diz-se não que a repressão surja do Eu, mas do seu respeito em relação a si. Nesta busca, sua via é substitutiva, pois o ideal que projeta diante de si nada mais é do que a época de sua infância onde era seu próprio ideal de Eu. Assim podemos distinguir o *Eu Ideal* do *Ideal do Eu!*

Com efeito, se os primeiros investimentos são *anaclíticos*, não demora para entendermos que Freud acrescenta ao Eu um *sentimento-de-si* (*Selbstgefühl*). *Selbstgefühl* é a expressão do início da vida erótica: da primitiva onipotência infantil e de tudo o que se conquistou, na medida em que o Eu envolveu-se na série dos prazeres e desprazeres. Sem desconsiderar as predileções *anaclíticas*, é importante atentar que o Eu se forma com as séries erráticas anteriores ao *princípio do prazer*. Portanto, a marca da sexualidade reside no fato dela ser uma constante e ininterrupta repetição, o que, entretanto, não nos permite confundir o Eu com a identidade absoluta de si. *Apoiado* em outrem, o Eu é uma síntese indefinida. Contudo, também é concebido por suas enunciações. E uma delas é sua imagem dotada de todas as perfeições: o *eu ideal* (ideal ich), sobre o qual reincide o amor de si gozado pelo *eu real* (das wirkliche Ich). Transformando e acrescentando, o *eu ideal* é o discurso que de alguma forma abandona a razão para ater-se numa idealização de algo.

Quando sintomatizadas, estas enunciações atuam, consciente e inconscientemente, sobre o comportamento, sendo lícito, portanto, reconhecer uma autocensura interna e externa. Estamos falando do *Ideal do Eu*; do distanciamento da libido em relação ao *narcisismo primário* e das exigências da lei fomentadas a partir dos investimentos no mundo e dos reinvestimentos no Eu. O amor-próprio é, pois, expressão desta grandeza! Mesmo quando tem em vista a alteridade, busca reconquistar o narcisismo perdido. Não se trata, então, de substituir uma formação narcísica por outra, mas de deslocar a libido de um eu perfeito (*eu ideal*) para um Eu social; um ideal imposto de fora.

Sem negarmos a marca do imaginário⁵, é aqui onde entendemos que a relação entre *Eu Ideal* e *Ideal do Eu* é efeito de um discurso furado. Ora, para além do plano individual e animalesco, faz-se presente, nos humanos, o social: o *Ideal do Eu*, símbolo da lei. Todavia, na medida em que o *Eu Ideal* é marcado pela idealização do si, é no plano dos afetos onde estas

⁵ Substantivado, o *imaginário* registra, para Lacan, a interdependência do sujeito com a imagem do outro. É a evidência da primeira elaboração especular, onde o ego da criança dá-se a partir da imagem de seus semelhantes.

distinções não se sustentam. Em favor de um reencontro com o *Eu Ideal*, o amor suspende o *Ideal do Eu*. O sujeito, enquanto procura à si, encontra a imagem do outro, com quem se identifica e aliena. E se o simbólico⁶ é prevaletente sobre o imaginário, então, da articulação entre pulsão e imaginário, inferimos um vazio insuplantável; um furo no eu “que remete tanto à presença da pulsão no imaginário como à presença da pulsão no outro” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 70). No que tange as formações narcísicas, diante da presença do real⁷, ego e alteridade são, portanto, furados. Ambos percebem no próprio corpo a tensão alienante de outrem.

Obedecendo os limites de nossa leitura, estes fatores que nos levam enfim a reavivar o sentido da primeira construção não-fálica da sexualidade. Enunciada por Freud ao fim de sua primeira tópica pulsional, estamos falando da predileção *anaclítica*, que, ao escopo deste artigo, surge como o esboço incipiente da sexualidade feminina.

Ora, se já descrevemos os investimentos substitutivos fálicos e as predileções narcísicas, trata-se agora repensar a disposição *anaclítica*: uma posição quase inatacável, arquetípica, autosuficiente e harmoniosa da libido, e que serve não só para pensar o narcisismo, mas para elucidar o primeiro lugar do feminino na psicanálise freudiana. Com efeito, *apoio* ou *anáclise* vem traduzir o valor de *Anlehnung*, termo utilizado para estabelecer uma relação e uma oposição primordial entre as pulsões sexuais e de autoconservação. Aquém de uma primazia fálica, as pulsões, neste sentido, estão *apoiadas* em funções vitais, que lhes fornecem fonte, objeto e direção.

Cronologicamente falando, à começar por “*Três Ensaios...*”, Freud conceitua *Anlehnung* tendo em vista o *apoio* da pulsão em funções vitais. O exemplo aí suscitado foi a atividade oral da criança lactente, que, via repetição, encontra seu quinhão de autonomia sexual pela satisfação das necessidades alimentícias. Entre 1910 e 1912, a gênese das escolhas objetais esteve pautada pelo narcisismo, o que, via *apoio* em funções autoconservadoras, revelava algo ainda mais fundamental entre as catexias sexuais e egóicas. Já *A Introdução ao Narcisismo* (1914) limitou-se em opor a predileção narcísica à escolha *anaclítica*. Portanto, é só na terceira edição dos “*Três Ensaios...*” (1915) que Freud relaciona *Anlehnung* com uma das

⁶ Segundo a leitura lacaniana, o *simbólico* expressa a ordem dos fenômenos estruturados no escopo de uma linguagem, e cujo propulsor faz-se na palavra. Distintamente de Freud, este termo tanto aproxima a estruturação do inconsciente ao que há de fecundo na linguística, quanto mostra no indivíduo a recorrência de uma ordem simbólica tácita.

⁷ Em Lacan o *real* traduz a imanência fenomênica de uma realidade simbolicamente impossível. Ele expressa os desejos e fantasias inconscientes ligados com a realidade psíquica, bem como o seu “resto” – a realidade inacessível e desejante para qualquer subjetividade. Inseparável do *simbólico* e do *imaginário*, designa uma estrutura do inconsciente concernente a realidade das psicoses.

características essenciais da infância: o horizonte não-fálico.

De fato, tácito sob nossos empenhos objetais, *Anlehnung* faz supor não só o “fundo remissivo das pulsões”, mas o lugar da sexualidade feminina, ainda que incipiente. Sob a amplitude desta perspectiva, a sexualidade não é autônoma, pois só secundariamente se separa do outro. Por conseguinte, o *apoio* da pulsão em funções vitais jamais será uma dedução metafísica; antes o suporte da sexualidade em funções conservadoras da vida.

O que Freud enuncia é o fato da sexualidade apoiar-se n’outro processo; um processo ao mesmo tempo similar e distinto de si – uma função não-sexual, vital. Portanto, *Anlehnung* se insere no registro das pulsões (onde predomina um *apoio* das catexias sexuais nas pulsões de autconservação) e das escolhas segundo o molde materno. Desta forma, encontrar o objeto é reencontrá-lo; reencontrar a ligação que, por *apoio*, não passou pelo crivo fálico de uma sexualidade, mas pelo anobjetal, que subverte a lógica do desejo.

Com base nisto, notamos que a distinção entre o tipo de escolha no homem e na mulher é demarcável. Para Freud, só o homem está apto à completude objetal. Com seu narcisismo, a mulher é impedida de usufruir desta escolha. Por conseguinte, “enquanto o homem ama a mulher, esta ama a si mesma” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 203). E é assim que, ao fim da primeira tópica, Freud reaviva a condição feminino!

Desde os estudos sobre o narcisismo, a mulher surge como horizonte *sui generis*. Ela personifica um âmbito capaz de fornecer o arquétipo do narcisismo. Identificável apenas consigo mesma, encarna um posicionamento inatacável da libido, vivido apenas no próprio corpo. Via *Anlehnung*, a condição feminina traduz a suspensão da escolha objetal, lhe sendo possível, inclusive, “rejeitar a lei do objeto” (ASSOUN, 1993, p. 99). Ao recorte deste artigo, isto é suficiente para demonstrarmos como Freud, pela primeira vez, subverte sua tradicional objetividade fálica dos desejos. Balizados pela noção de *Anlehnung*, talvez possamos defender que, ao fim da primeira tópica, Freud amplia sua compreensão acerca da sexualidade e enxerga no feminino um horizonte “mais-além” da lógica e do gozo fálicos. Este “mais-além” tende ao obscuro e desafiou a psicanálise quando, a partir de 1920, aludiu a *repetição* da castração e a possibilidade de uma sexualidade não-fálica, feminina.

Repetição e Sexualidade Não-Fálica: A Segunda Tópica

Morte, Repetição e *Mal-Estar*: O Encontro com o Vazio

Trespasada por uma abundância de pares antitéticos, a teoria das pulsões assume nova roupagem quando, em *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud revisa noções como sujeito, objeto e economia libidinal, e, da *compulsão à repetição*, instaura as *pulsões de morte*. Se até aqui descrevemos uma sexualidade dividida entre a substituição da pulsão perdida (*pulsão sexual*) e o reinvestimento egóico (*Autoconservação*), trata-se agora de propor o contato com o vazio; com o anobjetal que, desde *Anlehnung*, aponta ao feminino. Neste contexto, é imprescindível examinar os limites do *princípio do prazer*, que mostrou-nos como, repetindo as dores do passado, o feminino encontra no desagradável um “mais-além” de gozo. Eis a segunda tópica!

De fato, Freud reconhece, em 1920, que o *princípio do prazer* assumiu tanta importância sobre sua doutrina que não raro o circunscreve como uma tendência evasiva às situações dolorosas, e cujos resultados – diante dos prazeres e desprazeres – coincidem com um abaixamento da tensão, pois visam a estabilidade do indivíduo. A psicanálise parece ter-se contentado em defender que a sexualidade ora estava ligada aos instintos reprodutivos, ora se dirigia ao Eu. Tal suposição foi corroborada pela hipótese de que o aparelho psíquico busca “conservar a quantidade de excitação nele existente o mais baixa possível, ou ao menos constante” (FREUD, 2010b, p. 164).

Contudo, logo notamos o quão insuficiente é defender o domínio do *princípio do prazer* sobre a psique. O que, na realidade, sucede é uma tendência para o mesmo, mas isto não quer dizer que seu resultado final seja, sempre, prazeroso. Devemos, pois, indagar as circunstâncias que impedem seu prevalectimento.

O primeiro caso elencado por Freud é o *princípio de realidade*, que, substituto do *princípio do prazer*, reivindica “a temporária aceitação do desprazer, num longo rodeio para chegar ao prazer” (FREUD, 2010b, p. 165). Diante do *princípio do prazer*, o de *realidade* oferece-nos o caminho da renúncia. Todavia, acreditar no predomínio de um princípio sobre o outro não contradiz o *princípio do prazer*; antes o protege, pois alude o abandono de prazeres incertos por resultados mais seguros. Eis o que nos impele a falar sobre *compulsão de repetição*!

Dito isto, Freud elenca alguns causos para tratar da *repetição*. Iniciando pelas patologias da primeira guerra, diz que, em função dos traumas aí causados, esta resultou numa grande quantidade de pessoas cujos sonhos reviviam a “situação do acidente” (FREUD, 2010b, p. 169). Diante destas tendências masoquistas, não é o passado que se faz traumático, mas sua revivescência numa experiência atual. Passando, então, a considerar o cotidiano, enuncia as ocupações normais de seu neto Ernstl, filho de Sophie. Para Freud, o garoto repetia em suas

brincadeiras (“*fort*” e “*da*”) uma forma simbólica de encenar e protestar a saída da mãe de perto de si. Abdicando de suas vivências passivas, Ernstl não suportava tal desgosto a não ser por um ganho de prazer, ainda que anobjetal. Todavia, salta aos olhos como estes causos ainda não contradizem o *princípio do prazer*, pois em nada buscam o desagradável, antes sanar suas faltas – condição esta que não se aplica aos adultos normais.

Se até agora o aparelho psíquico esteve alocado entre os *princípios do prazer e da realidade*, é a *compulsão à repetição* em jovens e adultos que faz constatar como certas vivências retornam à atualidade, fazendo o sujeito repetir os conteúdos reprimidos como se não pertencessem ao passado. Para além da “reprodução do idêntico”, a *compulsão à repetição* expressa o impulso tácito que subjaz à objetividade, sendo, assim, impossível de ser alcançada. Ela indica algo que não passa pela ordem da substituição objetal ou narcísica, mas deixa, desde sempre, um resíduo aquém da significação. Reiterando a dor, representa nossa incapacidade de escapar à regressão. Sendo assim, indica-nos uma sexualidade “mais-além” que encontra apazibilidade na castração.

Destituída de controle tético e determinada, sobretudo, pela primeira infância (quando predominam as relações de *apoio*), a *repetição* dá-nos a impressão de um destino que impulsivamente se repete – algo próximo ao demoníaco. Se, então, a relacionamos com o *princípio do prazer*, vemos como “traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer” (FREUD, 2010b, p. 179). Neste sentido, caracteriza aquilo que até momento não fora tematizado: um “mais-além” completamente novo e mais fundamental/irresistível que as tendências substitutivas e conservadoras do Ego.

Atentando aos limites daquela sexualidade essencialmente fálica, Freud enxerga, nisto, um ponto de ausência de sentido e de contato com vazio/rompimento que o faz indagar novos referenciais. Sua preocupação, a partir de 1920, é formalizar estas vivências que se repetem, que deixam resíduos na atualidade e que, anobjetais, fundamentam o inconsciente. Sendo assim, paralelizando-as ao novo dualismo pulsional, é aceitável, para nossa leitura, que a condição feminina esteja encrustada nestas vivências limítrofes, pois é a partir delas que vislumbramos o “mais-além”. Trata-se, portanto, de postular um impulso ao estado de não-vida que, aquém da lógica objetal, indique uma construção não-fálica da sexualidade: a *pulsão de morte*.

De fato, a originalidade destas contribuições é a sistematização de um novo dualismo pulsional: o das *pulsões de vida e morte* – que, conforme suas variantes, abarcam a cultura, a família e a sexualidade feminina. Ora, se aceitamos que a pulsão sexual esteja orientada ao restabelecimento de cursos idênticos, então também repete certos estados primordiais dos quais

o indivíduo outrora se afastou mas não pode fugir. Estes estados indicam o ponto de repouso (não-vida, inanimado), de partida e de retorno para toda a vida. Mostrando-nos, com isto, o quadro dos fenômenos da vida, Freud diz que “*o objetivo de toda vida é a morte, e [...] que o inanimado existia antes que o vivente*” (FREUD, 2010b, p. 204). Para além de investimentos substitutivos em objetos ideativos (*pulsão sexual*) ou reinvestimentos egóicos (*pulsões do Eu*), foi preciso fundamentar a possibilidade de encontro com esta evidência que – universal, indelével, anojetal, agressiva e não-fálica – não cessa de se repetir: a morte, Thánatos.

Com efeito, circunscritas sob o signo das *pulsões de vida*, as *pulsões sexuais* e *do Eu* insinuam uma contraposição às catexias de Thánatos. É como se um conjunto disjuntivo de forças estivesse precipitado “para a frente, a fim de alcançar a meta final da vida” (FREUD, 2010b, p. 208) e outro – conjuntivo – corresse “para trás, a fim de retomá-lo de certo ponto e assim prolongar a jornada” (FREUD, 2010b, p. 208). Anunciando uma nova dicotomia, de um lado estariam as *pulsões de morte*, que, tácitas, invisíveis e silenciosas, “pretendem conduzir a vida à morte” (FREUD, 2010b, p. 214) e, na contraparte, as *pulsões de vida*, que, ruidosas e ligadas ao objeto de desejo, “buscam e efetuam a renovação da vida” (FREUD, 2010b, p. 214).

Este novo dinamismo não coincide mais com um estrito conflito pulsional; sua energia decorre de um fundo dessexualizado. E se antes já imperava um dualismo, agora esta polaridade é reforçada, pois aponta para uma distinção mais arcaica que impossibilita tomar como opostos “instintos do Eu e instintos sexuais, mas instintos de vida e de morte” (FREUD, 2010b, p. 224). Portanto, salta aos olhos como não é a libido que é dividida, mas as pulsões, que, variantes conforme o modo de presentificação no aparelho psíquico, é compreendida a partir dos signos da *vida* e da *morte*. Ao escopo desta leitura, estes pares são respetivamente transliterados para sexualidade fálica e não-fálica, sendo este, portanto, cognato do horizonte feminino.

Quando introduz as *pulsões de morte*, Freud não apenas indica uma categoria fundamental que tende ao apaziguamento das tensões inter-humanas, mas busca direcioná-las ora ao interior (autodestruição masoquista), ora ao exterior (agressividade sádica). É empenhado em ratificar sua tese que, sem remetê-la aos significantes da *vida*, corresponde-a ao *princípio de nirvana!* Posto o aspecto renovador e apaziguador das *pulsões de morte*, este princípio designa nossa tendência em manter constantes ou mais baixas possíveis as tensões internas. Para Freud, este é um dos “mais fortes motivos para crer na existência de instintos de morte” (FREUD, 2010b, p. 228). E se é fato que o *princípio do prazer* e as *pulsões de vida* regulam o caminho para a morte, é concomitantemente real que, posta nossa tendência ao inorgânico, a *pulsão de morte* não só impeça a “repetição do mesmo”, como possua um

potencial criador, cujas consequências derrubam a predominância fálica do *princípio do prazer*.

Disjuntiva, a *pulsão de morte* ratifica um horizonte que, latente de sentido, inquirer novos começos sem, com isto, deixar de constituir-se caótico, destrutivo e vazio. Do lado de Thánatos, corresponde ao caos pulsional; a verdadeira potência criadora que, de tão silenciosa e escorregadia, nos permite aventar a sexualidade não-fálica. Estamos falando de um “mais-além” da objetividade psíquica que, por suas consequências, suscita a condição feminina

Diante disto, salta aos olhos como, a *pulsão de morte* conduz à ruína, ao vazio e ao rompimento, expressando, por assim dizer, a força dos encontros e desencontros entre os sexos. Anobjetal, não visa sentido, mas faz retornar a impressão de objetualização e alienação ao outro. Assim, não é em vão que, desde o inconsciente, se relacione com o feminino, pois é, ao longo da segunda tópica, o pivô do desejo, movendo-o e orientando-o. O que Freud anuncia é a clivagem entre o masculino e o feminino, agora pensados a partir da desagregação. Simultâneos, é como se Eros (vida) e Thánatos (morte) fossem extensões de uma só moeda, que encontra na *repetição* e nas *pulsões de morte* a expressão de uma sexualidade mais primitiva: a sexualidade feminina. Seguindo este esquematismo, antes de falarmos *Sobre a Sexualidade Feminina* (1931) e *Feminilidade* (1933), vejamos rapidamente como, em 1930, o feminino põe à prova os laços de comunhão e fraternidade que possam existir numa família ou sociedade.

Ora, é no registro do *Mal-Estar na Civilização* (1930) onde encontramos uma variante da *pulsão de morte* que, factível, indica-nos a agressividade de nossa constituição. Diante da irracionalidade das exigências culturais, a *pulsão de destruição* reclama o homem como “lobo do homem” (FREUD, 2010c, p. 77). Esta constatação revela-nos não só a autonomia da *pulsão de morte*, mas a besta selvagem que somos.

Desejando a destruição de tudo e todos, não raro tomamos o outro como instrumento de nossas crueldades. Neste sentido, a *pulsão de destruição* é a negação do outro, pois “mostra ao Eu a realização de seus antigos desejos de onipotência” (FREUD, 2010c, p. 89). Ela traduz nossa luta pela aceitação ou negação do outro por meio da aceitação ou rejeição das implicações que os desejos do outro possuem sobre os nossos. Assim, se a civilização tem de recorrer a tudo para promover laços de afeto (família, por exemplo), é a agressividade que resiste diante das exigências externas e, de um ponto de vista pessoal, possibilita distintas formas de cooperação.

Impondo-nos relações inibidas na meta, a civilização vai na contramão de nossa hostilidade. Mesmo com seus dispositivos um pleno vapor, jamais compreende a completude das sutilezas humanas. Isto não só impossibilita a universalização dos afetos, mas mostra como a *agressividade* nos é fundamental. Para além de investimentos substitutivos, ela é uma

disposição autônoma e original; obstáculo da civilização. É “o sedimento de toda relação terna e amorosa entre as pessoas” (FREUD, 2010c, p. 80). E é a partir dela que, diante da cultura, indagamos o lugar da família e do feminino; horizontes que, tácitos, põem à prova os laços comunhão e fraternidade.

Ora, se olharmos para a fragilidade dos povos primitivos, parecerá que, em prol de seguridade, a civilização impôs sacrifícios à sexualidade e ao nosso pendor agressivo. Diante dos descomedimentos do chefe (pai fálico), sublimamos nossa liberdade pulsional para, juntos, garantir força e sobrevivência. Da constatação de que somos mais fortes quando associados, nossos ancestrais adotaram o hábito de tornar próximos quem os amparava e, pelo amor, erigiram as primeiras famílias. Todavia, foi em favor de uma universalização dos afetos que muitos cometeram injustiças: esqueceram que nem todos são dignos de amor e, assim, abdicaram de uma parte do valor de seu objeto de desejo.

Com base nisto, deduzimos, mediante a *agressividade*, que impera certa ambiguidade entre os afetos e a civilização. E esta ambiguidade é personificada, em primeira instância, pela família, que, sem desejar ceder seus indivíduos, põe-se contra a comunidade.

Todavia, se o amor familiar é algo assim tão exclusivo, é a mulher que, secundariamente, volta-se contra a civilização! Penando sob o rigor de proibições que a impedem de assumir seus desejos, a mulher caracteriza o dissocial da sexualidade. Não raro adotando atitudes hostis contra a civilização, ela “diz a verdade sobre o amor” (ENRIQUEZ, 1990, p. 104). Contra a possibilidade de universalização dos afetos, desconfia, intuitivamente, dos sentimentos inibidos na meta, fazendo-nos constatar a diferença entre amor e desejo sexual.

Em razão deste seu desejo feito e refeito incessantemente, torna-se o antídoto contra a morte. A mulher, pois, é a cifra necessária à diferença sexual, sem a qual a psicanálise estaria fadada ao fracasso. Ela nos faz falar “sobre uma verdade, ainda que não-toda, e assim abrir a possibilidade do inconsciente acontecer” (ASSOUN, 1993, p. 13). Desta feita, se, a partir de 1920, Freud pressente o feminino como um horizonte primário, é indagando o “*Mal-Estar...*” que torna-o vital à civilização. Portanto, se as mulheres possuem um limite para a sublimação, isto é porque são, num só tempo, irredutíveis “e resto da *Kultur* como processo de sublimação” (ASSOUN, 1993, p. 163).

Nestes termos, o feminino demarca um “mais-além” de gozo do qual o homem (lei fálica) não toma parte, mas encontra aí seu sustentáculo. Símbolo do paraíso perdido, o feminino nos atemoriza quando proclama o “primado do gozo, da relação corpo a corpo, [...] da realidade acima das palavras” (ENRIQUEZ, 1990, p. 184). Aquém da civilização, demarca

não só uma expressão privilegiada da libido, mas, encontrando um “mais-além” na castração, conduz ao reino da *repetição*, da sexualidade não-fálica; *da morte*. E se, diante disto, a civilização é consequência deste vínculo primordial que, outrora esquecido, toma a mãe como objeto de amor, então o que o “*Mal-Estar...*” salienta é o desconcertante preço por ter-se desconsiderado a possibilidade de uma sexualidade como fonte autônoma de prazer; fator este que, ao recorte desta análise, foi retomado nos textos de 1931 e 1933.

A Condição Não-Fálica: Enfim o Feminino.

Adentrando o último tópico desta análise, notamos que Freud, ao final de sua extensa obra, teve a honradez de rever seus descaminhos em relação ao horizonte feminino. Diante de inapeláveis contestações, publica os artigos *Sobre a Sexualidade Feminina (1931)* e *Feminilidade (1933)*, pelos quais indaga o caminho da menina ao pai, considerando sua primeira, mais forte e duradoura vinculação: a ligação *pré-édipiana* com a mãe. Portanto, se a transferência da mãe ao pai é o que permite conceber a condição feminina, o que salta aos olhos é um fato até então subestimado: a garota só atinge seu “Édipo positivo” após superar “uma época anterior, dominada pelo complexo negativo” (FREUD, 2010d, p. 373).

Com efeito, dado que o Édipo é a atração da criança pelo sexo oposto, se queremos fazer jus ao feminino, devemos salientar que, antes de voltar-se ao pai, a menina vive um estágio *pré-édipiano*, no qual a mãe surge como objeto de desejo. Cobrindo a maior parte do seu florescimento, esta fase exerce, sobre a sistematização do horizonte feminino, uma importância ímpar. Retirando o Édipo do centro das neuroses, ela faz reconhecer não só que talvez as psicanalistas mulheres percebam melhor estas manifestações, mas que o descuido de Freud para com o sexo feminino pode estar relacionado ao fato de ter-se desconsiderado que impera, na menina, uma profunda ligação com a mãe: o medo “de ser morta (devorada?)” (FREUD, 2010d, p. 375).

Dito isto, para além de uma primazia fálica, salta aos olhos como a bissexualidade é predominantemente feminina! Distintamente do menino, opera, na garota, um processo bifásico, das quais a primeira – masculina – está atrelada ao clitóris (homólogo do pênis) e a segunda – feminina – liga-se com a vagina, outrora tão desconsidera. Assim como no Édipo masculino, durante a fase *pré-édipiana*, o pai não passa de “um incômodo rival” (FREUD, 2010d, p. 373), mas se considerarmos o desenvolvimento da libido, é fato que só secundariamente o pai assume o lugar da escolha objetal.

No que tange, enfim, o Édipo positivo, seu rigor só é plenamente aplicável ao menino, não à menina. Se ela toma a mãe para, só mais tarde, voltar-se ao pai, então o Édipo é resultado de um extenso caminho criado em função da castração que, por sua conta, lhe sugere uma posição de inferioridade. Desprezando sua condição, este é o estágio onde, magoada e ciumenta, a garota, desejando ser possuída pelo pai, começa a engajar-se numa posição feminina, na qual sexualiza sue genitor. Contudo, a entrada no Édipo é, também, o momento onde o modelo de feminilidade da mãe volta a lhe fascinar. Acentuamos, neste sentido, como a mulher repete constantemente esta relação arcaica, anaclítica e anobjetal outrora vivenciada com a mãe. Para nossa leitura, isto mostra como, aquém de investimentos substitutivos num objeto ideativo de poder ou numa unificação ego-narcísica, a importância da fase *pré-edipiana* é muito maior para a menina do que ao menino. É através deste vínculo arcaico, portanto, que aventamos sua sexualidade: uma condição não-fálica, marcada pela *repetição*, pelo primado do gozo – o “mais-além”.

Neste sentido, entendemos: acompanhado por compulsões regressivas, o afastamento da mãe é uma ligação que “acaba em ódio” (FREUD, 2010e, p. 275). São as restrições desta em relação aos prazeres fálicos por ela suscitados que, na menina, atuarão em favor do rompimento e servirão de motivo à rebeldia. Para Freud, fica difícil, diante disto, negarmos a importância da *inveja do pênis* sobre a formação da sexualidade feminina.

Como já salientado, não é sem reluta que a garota aceita sua diferença ao ver-se destituída de falo/pênis. Na verdade, este sentimento padecer sobrevive por anos. Desta feita, talvez a razão mais forte para seu rompimento com a mãe seja a queixa de que a genitora pariu uma filha – um ser cuja genitália é considerada, por ela e pelos outros, socialmente inferior. Esta dor trata-se da injustiça/humilhação que a menina sente por ter sido danificada em sua auto-imagem – seu amor-próprio. Para ela, o falo não é “o pênis, mas a imagem de si” (NÁSIO, 2007, p. 52). Portanto, esta falta ressoa, antes, como um golpe em seu narcisismo; golpe este que, da insuperabilidade da *inveja do pênis*, a impossibilita, em grande medida, de adequar-se na cultura. Marca de uma sexualidade aquém dos investimentos substitutivos, a menina está condenada a viver as condições pré-edipianas da sexualidade: “uma forma narcísica de amar” (POLI, 2007, p. 31). Assim, talvez seja mais proveitoso aceitarmos que, se no *pré-édipo* seu amor voltou-se para uma mãe fálica, quando descobre a castração da mesma, não há mais porque manter-se tão próxima.

Este vínculo está fadado à dissolução! O que se segue é uma luta por libertação, na qual, assumindo o papel de mãe, a garota não se satisfaz com seu clitóris diminuto. E é com base

nestes pressupostos que podemos enfim indagar “querer feminino”. Frisamos, pela mulher, à reconciliação com a passividade e, via da *repetição*, indicamos um “mais-além” de gozo que, primordial, suspende o conhecimento analítico e não se deixa determinar por quaisquer primado fálico ou dispositivo de saber.

De fato, balizado pela hipótese de que o “querer feminino” pode ser compreendido pela relação entre atividade e passividade, Freud, no texto de 1931, diz que as metas sexuais da menina pressupõem esta relação, mas são determinadas pelas fases da libido. Se, quando criança, reage ativamente ao que enfrenta passivamente, pode-se concluir que, associado ao sadismo, ativo é o polo masculino e, passivo, o polo pulsional que precede a objetificação: a condição feminina, essencialmente masoquista. Por conseguinte, observa-se, nas meninas, não só uma diminuição das catexias ativas, mas que estes desejos só realizam quando mediados pela fase *pré-edipiana*. Ratificando, nisto, a feminilidade, até mesmo o Édipo se traduz por fixações nesta fase arcaica do desenvolvimento libidinal! E se aventamos uma sequência temporal à sua sexualidade, esta sempre se fará amparada pelo vínculo materno: são, com efeito, as “tendências orais, sádicas e, por fim, até mesmo fálicas” (FREUD, 2010d, p. 389).

Se a menina passa por um “Édipo negativo” e se, disto, confirmamos que a libido é um universal neutro mas normativamente ativo, então, de acordo com texto de 1931, não é a libido que é dividida, mas suas metas pulsionais, que, com o advento da segunda tópica, nos mostram como há duas maneiras de lidar com a castração: uma fálica (masculina) e outra não-fálica (feminina). Assim, é enfrentando tantas outras acusações que Freud, em 1933, elucida a reconciliação da mulher com a disposição passiva. Resultante de uma flexibilidade do percurso pulsional, sugere, via *Feminilidade*, um “mais-além” de gozo aquém de determinações fálicas ou dispositivos de saber.

Todavia, lendo o texto de 1933, reparamos que, diante da bissexualidade, jamais podemos cristalizar a feminilidade dentro das funções passivas. Variantes conforme a ocasião, masculinidade e feminilidade são flutuantes! E ainda que a feminilidade prefira fins passivos, sua predileção não deve confundir-se com a passividade, pois esta não raro inquerer a *destruição*. Ora, se feminilidade e *pulsão* são relacionáveis, então não podemos subestimar os costumes culturais que condicionam as mulheres às situações passivas. Desta feita, não podemos mais sustentar que a psicanálise diz “o que é a mulher”, mas que se ocupa em questionar o modo como, pelo seu “querer”, a menina se desenvolve desde criança, quando dotada de uma disposição bissexual.

Diferentemente do menino, o desenvolvimento da garota divide-se em duas fases: uma

masculina (sádica e clitoriana), outra feminina (masoquista e vaginal). Seus desejos, dissemos, são expressos por vias orais, anais e fálicas. Isto significa que Freud jamais compreenderia as mulheres se não tivesse concebido a “negatividade” “*pré-edípica com a mãe*” (FREUD, 2010e, p. 273). De fato, mostrando-se reticente em relação aos impulsos ativos e passivos, Freud diz que somente por esta via não-fálica a fantasia toca a realidade. Diante das incitações despertadas pela mãe, não há como negar que, desde a *inveja do pênis*, a castração representa para a mulher um marco decisivo em sua feminilidade. Disto, salta aos olhos como é pela tendência de retorno da agressividade à própria pessoa e pelo predomínio das funções passivas sobre a bissexualidade que surge a mulher. O masoquismo é, pois, feminino!

Com efeito, em função da *inveja do pênis*, o amor-próprio da garota modifica-se ao ponto de fazê-la renunciar os prazeres fállicos outrora obtidos com a masturbação. Disto, predomina um abrandamento do seu quinhão de atividade, que prepara o caminho à feminilidade e a faz comportar-se segundo impulsos passivos. Renunciando os prazeres clitorianos em favor dos vaginais, frustrada, a menina é levada a abandonar a mãe e transferir-se, passivamente, ao pai – o detentor ideativo do poder. Abstendo-se de militâncias⁸, Freud não só acentua que a mulher está constantemente exposta aos resíduos de uma época arcaica, mas diz que seu Édipo é o refúgio de uma árdua jornada. Como um “porto seguro”, o Édipo feminino decorre daquela ligação originária onde a mãe é o centro dos vínculos afetivos. Portanto, não é em vão que, mesmo em 1933, a *inveja do pênis* seja a expressão do “querer feminino”; um querer passivo e não-fálico, aquém da conscientização.

Ratificando seu posicionamento acerca de uma libido normativamente ativa, Freud outorga às mulheres um forte narcisismo. Desejando ser desejada, a mulher é a marca daquilo que, “mais além”, não se prende em investimentos substitutivos, mas na ausência de sentido. Ligada à mãe, ela suspende o saber analítico! Se, durante o Édipo, vincula-se ao pai e se, frustrada, faz surgir a feminilidade, então empreende um retorno ativo “à posição passiva que

⁸ Neste ponto, vale salientar o conservadorismo de Freud em relação às feministas. De fato, para o autor, muitas tomam desgosto pela psicanálise quando esta assinala os efeitos da dificuldade de internalização do *Super-eu* na conduta feminina. Para defender-se, Freud ratifica o desenvolvimento do complexo de masculinidade como o segundo horizonte possível diante da descoberta da castração e, assim, compreende as feministas como aquelas que – sem reconhecer os desgostos de tal infortúnio e, com isto, evitando a passividade – se vinculam exageradamente à sua masculinidade prévia, de modo que, “em obstinada recalcitrância, continua a se ocupar do clitóris e se refugia numa identificação com a mãe fálica ou o pai” (FREUD, 2010e, p. 286). Pouco preocupado em considerar os fatores históricos e a militância do movimento, diz ainda que o máximo de realização que se pode esperar deste tal complexo da masculinidade é a escolha objetal no sentido da homossexualidade manifesta. Todavia, ainda assim a experiência clínica ensina que são poucos os casos onde o homossexualismo feminino decorre da masculinidade infantil. Para Freud, todas garotas, mesmo as homossexuais, “tomam o pai como objeto por algum tempo e se entregam à situação edípica” (FREUD, 2010e, p. 287); evidencia esta que não é ratificada nas feministas, pois negam sujeitar-se à situações passivas.

a levou ao pai” (POLI, 2007, p. 35). Desta forma, se sua vinculação com a mãe permite distinguir as fases *pré-edipiana* e *edipiana*, podemos inferir que é essa camada primária, anobjetal e não-fálica a decisiva em seu desenvolvimento. E se, disto, entendemos que Freud descreve o feminino como resultado de suas funções sexuais, é regressando à originalidade de sua doutrina que nos faculta uma conclusão bastante ambígua sobre a condição feminina: “se quiserem saber [...] sobre a feminilidade, interroguem suas vivências” (FREUD, 2010e, p. 293).

Conclusão: A Ambivalência da Condição Feminina

De fato, se buscamos ser justos em nossa análise, é preciso lembrar o quanto, diante de seus opositores, Freud mostrou-se conservador em relação às mulheres, as causas da luta feminista e sua doutrina⁹. Cientista e burguês, não raro representou o patriarcado tradicional. Contudo, ainda que não possamos negar seus limites, é em função de suas contribuições que talvez seja mais prudente deixar de caricaturá-lo como falocrata por não ter-se fixado em determinadas aspirações. Em favor de certa neutralidade epistemológica, o fato é que Freud rejeitou qualquer militância para, somente assim, descrever a sexualidade feminina. Sua psicanálise quis, portanto, mostrar o quanto o feminino é vital à humanidade!

Sendo o único domínio capaz de propiciar um igualitarismo, a condição feminina indica um subsolo de indeterminação que, via *repetição*, está aquém de qualquer cristalização fálica. Indagá-la é inverter o saber psicanalítico; questionar seu objeto e, a partir de um “mais além”

⁹ Sobre isto, notamos que a implicação entre psicanálise e o movimento feminista parece constituir uma relação historicamente antagônica. De um lado, o reconhecimento do valor da fala histérica e a descoberta do inconsciente, do outro, a luta social por diretos igualitários e pela emancipação das mulheres perante a tradição patriarcal. Passados mais de cem anos, este embate continua vivo no seio da psicanálise, sendo, inclusive, “o principal ponto de embate e resistência para a difusão da psicanálise na cultura” (POLI, 2007, p. 08). Diante disto, não devemos esquecer que o gesto de admissão do recalque da pulsão sexual efetuado por Freud desde o sec. XIX também almeja uma análise profunda acerca das coerções corporais e penais instituídas sobre a sexualidade ao longo dos séculos precedentes. Apoiada pela admissão da sexualidade no agir humano, foi sobretudo a proposta de escuta do feminino que, para além da *Scientia Sexualis*, deu início a psicanálise. Em certo sentido, a psicanálise vem expressar “um mal-estar da sociedade burguesa, presa das variações da figura do pai, e o remédio para esse mal-estar” (ROUDINESCO, 2003, p. 45). Isto, não podemos negar, contribuiu (e continua contribuindo) não só à autenticação do desejo sexual de uma parte da sociedade que esteve até então fadada à passividade diante do desejo masculino, mas à legitimação do desejo de liberdade das mulheres frente ao patriarcado tradicional. Neste sentido, parece que a psicanálise contribuiu não só ao advento de novas relações parentais, mas fermentou “um duplo movimento social que vinculava a emancipação das mulheres e dos filhos – e mais tarde dos homossexuais – à rebelião dos filhos contra os pais” (ROUDINESCO, 2003, pp. 45-46). Respeitados os limites interpretativos, talvez devêssemos acentuar que, apesar das reticências freudianas acerca do feminismo, em momento algum esquecemos que o direito de fala sobre as ocorrências pessoais e as demandas sociais deve pertencer, prioritariamente, às mulheres. São elas (mulheres) que diariamente vivenciam o patriarcado histórico onde vivemos! E por mais que a psicanálise demonstre que as escolhas pessoais partem de princípios aquém do âmbito tético, cabe a nós reconhecer e respeitar estas lutas. A psicanálise contribui à compreensão do feminino, mas acreditamos que, indiretamente, contribui às lutas sociais.

de gozo, exprimir uma verdade irreduzível. Mais do que uma confissão de fracasso, o feminino é, para a psicanálise, não só o que ela conhece mal, mas aquilo que, por sua existência, suspende, subverte e recusa seu saber. Para além de uma lógica fálica e objetificante, o feminino restitui para a psicanálise sua perplexidade e ambivalência fundamentais. Por meio de uma lógica “mais-além”, reaviva à psicanálise o encontro com o indeterminável, com o vazio – o anobjetal.

Em seu querer, a mulher encarna o enigma do inconsciente. É um ponto de interrogação, mas também o registro de um fragmento de verdade insolucionável à primazia fálica. Neste sentido, sua importância é, para Freud, vital, pois não basta dizer que o austríaco analisou as mulheres buscando legalizá-las. Sem renega-las ou exaltá-las, o que anuncia é um horizonte não-fálico: uma sexualidade “mais-além” amparada por um inconsciente involuntário, que torna o humano (homens e mulheres) um ser desejante. Pautadas por uma libido que, universal e igualitária, torna as pulsões comum aos dois sexos, as diferenças sexuais devem ser discutidas a partir de referenciais vividos em primeira pessoa, existencialmente.

Perplexos, concluímos, com isto, que, primordial aos investimentos substitutivos (falo ou ego), a condição feminina é o símbolo de um paraíso perdido. É a passividade diante das leis fálicas. A “promessa de civilização antes da civilização” (ROUDINESCO, 2003, p. 61).

Metáfora privilegiada do inconsciente, o feminino é a encarnação do enigma psicanalítico que, indizível, deixa logos e tradição estarecidos. Entre a primeira e a segunda tópicas pulsionais, é o “mais-além” que nos permite mensurar a distância entre o “saber analítico e a verdade que ele explora e que a ele se recusa” (ASSOUN, 1993, p. 24). E se, diante isto, supomos via emancipatória, então, para além de uma sexualidade que não pretenda libertar-nos dos grilhões do desejo, é o feminino que nos põe em contato com o rompimento, com o vazio, com a repetição da castração – com a ambivalência passiva de nossos atos.

Bibliografia

ASSOUN, P-L. **Freud e a Mulher**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

_____. **Introducción a la Metapsicología Freudiana**. Argentina [Buenos Aires]: Editorial Paidós, 1994.

_____. **La Metapsicología**. Mexico [Coyoacán]: Siglo Veintiuno Editores, 2002.

_____. **Lecciones Psicoanalíticas Sobre Masculino y Feminino**. Argentina [Buenos Aires]: Nueva Visión, 2006.

BIRMANN, J. **Cartografias do Feminino**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

ENRIQUEZ, E. **Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.

FREUD, S. (1893-1895). *Estudos Sobre a Histeria*. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. II.

_____. (1900). *A interpretação dos sonhos (I)*. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. IV.

_____. (1900). *A interpretação dos sonhos (II)*. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. V.

_____. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: FREUD, S. **Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, vol. VI.

_____. (1914). *Introdução ao Narcisismo*. In: FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a, vol. XII.

_____. (1920). *Além do Princípio do Prazer*. In: FREUD, S. **História de uma Neuróse Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b, vol. XIV.

_____. (1930). *O Mal-Estar da Civilização*. In: FREUD, S. **O Mal-Estar da Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c, vol. XVIII.

_____. (1931). *Sobre a Sexualidade Feminina*. In: FREUD, S. **O Mal-Estar da Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d, vol. XVIII.

_____. (1933). *Feminilidade*. In: FREUD, S. **O Mal-Estar da Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010e, vol. XVIII.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014a.

_____. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução a teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008a. v. I.

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008b. v. II.

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014b. v. III.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998

_____. **O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985

_____. **Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

LAPLANCHE, J. **Vida e Morte em Psicanálise**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1985.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

NÁSIO, J-D. **Édipo: a complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007

_____. **Enseñanza de 7 Conceptos Cruciales del Psicoanálisis**. Espanha [Barcelona]: Gedisa Editorial, 1996.

POLI, M. C. **Masculino/Feminino: A Diferença Sexual em Psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

ROUDINESCO, E. **A Família em Desordem**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.